

BRASIL E CHINA: UMA VIA DE MÃO DUPLA?

Eurico de Lima Figueiredo¹

O fenômeno mais impactante do século XXI no sistema internacional foi o crescimento meteórico da China. Após o colapso da União Soviética, em 1991, a maioria dos analistas da época apostavam no surgimento de um mundo unipolar sob a liderança incontestável dos Estados Unidos, tanto em termos econômicos, como também em termos políticos e militares. Ficou em voga, inclusive, teses que advogavam o “fim das ideologias”, tendo em vista a supremacia da hiperpotência no cenário mundial. Por certo, nessa época, os anos 1990, já se observava o admirável desempenho chinês, um país destruído por uma Guerra Civil que, durante décadas, exigiu enormes sacrifícios da população, com milhões de mortos e incalculáveis perdas do ponto de vista social e econômico. Isso sem se fazer referência à Guerra Sino-Japonesa (1937/1945) que levou à ocupação da China pelos japoneses, ocasionando 20 milhões de mortos, trazendo-lhe incontáveis prejuízos. Não se poderia supor, assim, que o país, a partir dos anos 1990, em menos de apenas trinta anos, ultrapassaria, em 2018, a economia da União Europeia e a dos Estados Unidos, com um PIB de mais de 25 trilhões de dólares mensurados pela paridade do poder de compra (PPP) (estimativas do FMI, 2018). Nesse lapso de tempo, a China se afirmou como protagonista global, irradiando seus interesses e objetivos por todo o planeta, ao mesmo tempo em que, a toque de caixa, expandiu seu poder militar de maneira exponencial, embora já fosse uma potência nuclear desde 1964, quando detonou sua primeira bomba atômica, ingressando no restrito círculo de potências com capacidade tecnocientífica para a produção do artefato. Hoje, ela também compete com os países mais avançados nos setores aeroespacial e cibernético. No primeiro, mostra-se capaz de lançar arrojadas missões espaciais e satélites no estado da arte, enquanto, no segundo, rivaliza em pé de igualdade com a produção mais avançada em todo mundo, no âmbito da chamada “sociedade internética”. Tudo isso foi realizado a partir da construção de um sistema econômico com

¹ Professor Titular de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Emérito da UFF. Diretor do Instituto de Estudos Estratégicos (INEST) da UFF.

características singulares que, para muitos especialistas ocidentais, é até mesmo de difícil entendimento. Em cerca de dois terços de um século, o país saiu de uma economia destroçada para uma outra pujante, queimando etapas das revoluções industriais, estando, hoje, na ponta da chamada Revolução 4.0, assentada na internet das coisas, na inteligência artificial, na ciência dos grandes dados (big data), na robótica, na computação em nuvem, etc., competindo passo a passo com os EUA e a União Europeia. Já se disse que o desenvolvimento experimentado pelos Estados Unidos, desde a Guerra de Secessão (1861/1865), até os dias atuais, não será capaz de ser repetido por outro nenhum país. Pode-se dizer o mesmo da China. Só que em muito menos tempo!

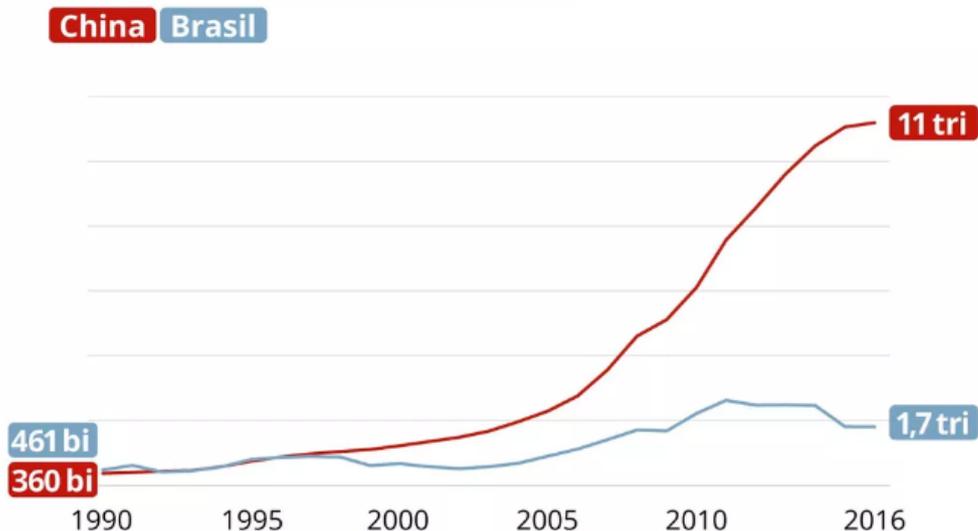
O Brasil desde o começo de sua Revolução Moderna, em 1930, não experimentou resultados tão espetaculares como o caso chinês. Mas eles foram expressivos. Se 90 atrás a economia brasileira baseava-se na monocultura do café, ela hoje se beneficia de uma policultura abrangente, dotada das mais avançadas tecnologias para o seu cultivo. Bate recordes: em 2019, tomando-se por exemplo a soja, o país deverá superar a produção dos EUA. No plano industrial, o Brasil também queimou etapas, tendo atualmente um parque industrial capaz de fabricar desde a agulha até um avião sofisticado como o KC-390. Do ponto de vista tecnocientífico seus avanços foram igualmente dignos de nota, mostrando-se apto de, por si só, dominar o ciclo nuclear, abrindo as portas de entrada de um clube fechado e exclusivo. Socialmente os resultados não foram menos impactantes. Se 90 anos atrás a estrutura de classes no Brasil era, por assim dizer, “sem degraus”, havendo poucos em cima e a maioria embaixo, hoje o país conta com inclusão de uma massa expressiva de trabalhadores nas suas indústrias, reflexo de um parque produtivo diversificado e abrangente, onde se mesclam o capital nacional e o capital internacional. Notadamente a partir do governo de Presidente Juscelino Kubistchek (1956/1961), aportaram no país as grandes multinacionais, com especial destaque para as automotivas. Nessa área, apesar de todas as dificuldades enfrentadas no decorrer da presente década, o Brasil ocupa, no momento, a posição de sexto maior país produtor em todo o mundo, enquanto é o quarto maior em vendas. Nesses 90 anos surgiu, também, uma ampla classe média que permitiu o desenvolvimento crescente do setor de serviços que, agora, responde por mais de 50% do PIB nacional, sendo o maior ofertador de empregos. No plano político, o país arrancou de uma estrutura oligárquica, principalmente sediada nos maiores e mais populosos estados (São Paulo e Minas Gerais), para um sistema nacional complexo que, a partir dos governos militares (1964/1985), tem se mostrado

capaz de resistir aos mais duros abalos sistêmicos, com a prisão e condenação de altos dirigentes de sua cúpula dirigente e do mundo dos grandes negócios, persistindo, entretanto, no Estado democrático de direito e no usufruto das liberdades cidadãs. Medida por PPP, o Brasil exibe um PIB de mais de três trilhões de dólares, superior ao do Reino Unido e da França (estimativas do FMI, 2018). Conseqüentemente, com uma economia que oscila nos últimos anos entre a sétima e nona do mundo, passou a ser considerado como um ator de relevância mundial, saindo progressivamente dos subúrbios da periferia para o centro do processo global. Suas Forças Armadas, por certo, não são compatíveis com o tamanho de sua economia, mas, desde 2008, tornou pública sua Estratégia Nacional da Defesa, mostrando vontade soberana de poder dizer “não” e “sim”, quando e se o País assim decidir de acordo com as normas constitucionais vigentes. Mesmo com atrasos importantes, vai se montando uma base industrial de defesa que, inclusive, pode ser uma das chaves para o desenvolvimento econômico e para o progresso técnico-científico do País nas próximas décadas, devido as características estratégicas próprias desse tipo de indústria, voltadas para a garantia da soberania nacional.

O gráfico abaixo mostra que, até o início dos anos 1990, o Brasil e a China, em termos do PIB em dólares nominais, seguiam padrões evolutivos similares, com margem até de superioridade brasileira. Em boa parte da década, a situação se manteve equilibrada, mas, a partir do seu final, a situação se alterou radicalmente. O Brasil não deixou de crescer, considerando-se a base de 1990, mas a China no final da mesma década descolou-se do Brasil, experimentando vertiginoso ciclo de expansão, com seguidos picos acima de 10%. Embora a China nos últimos anos tenha recentemente desacelerado o seu crescimento, mesmo assim continua notável o seu desempenho econômico, com taxas superiores a 6%, feito impressionante para uma economia que já tem o seu tamanho. O caso do Brasil foi inverso: a última década tem sido marcada por sérios impasses políticos e econômicos, resultando em um desempenho que deve chegar em 2020, em média, a 0,9%, pior ainda que a dos anos 1980, a chamada “década perdida”, com índice de 1,6%. Não obstante tantos solavancos, obstáculos e dificuldades o fato é que o Brasil continuou figurando como uma das dez maiores economias do mundo, o que não é pouca coisa entre mais de 200 países em todo o globo.

Menor que o do Brasil nos anos 90, PIB da China explodiu recentemente

em US\$



Fonte: dados compilados pelo autor a partir de várias fontes.

Tanto no caso do Brasil como no da China os desafios do futuro serão de grande porte, mas por razões bem diferentes. No plano social, devido a sua enorme população (cerca de um bilhão e quatrocentos milhões de habitantes), a China precisará melhorar as condições de vida de seu povo como um todo, embora tenha alcançado resultados significativos em 70 anos. O Brasil, com mais de duzentos e dez milhões de nacionais, padece de graves desequilíbrios sociais, com gritantes disparidades na distribuição de renda e elevadas taxas de concentração de renda, além do desequilíbrios marcantes entre as regiões mais prósperas (no sul e no sudeste) e as menos aquinhoadas pelo progresso, no norte e no nordeste, enquanto no seu centro-oeste cresce sem parar o chamado “agronegócios”. Ambos os países exibem índices próximos medidos pelo IDH (índice de desenvolvimento humano): a China está na 82ª posição (0,752), enquanto o Brasil ocupa a posição 79; a renda per capita chinesa é de US\$ 7.790,00 e a brasileira de US\$ 13,370 (dados do FMI, 2015, dólares nominais). No plano econômico, a situação é bem diversa. A China é hoje um gigante na economia mundial, importadora voraz de commodities e exportadora agressiva de sua produção, irradiando sua presença em grande parte do planeta. O Brasil se desenvolve a passos bem mais lentos, embora não possa deixar de ser considerado como protagonista importante em todos os fóruns econômicos mundiais. No plano político, o Brasil sofre crises intermitentes mas

mantém, embora a duras penas, o Estado democrático de direito. A China, com uma forte classe média emergente, que cada vez mais se aproxima dos padrões de consumo dos mais ricos países ocidentais, poderá enfrentar veementes reivindicações, no futuro próximo, em relação a uma maior abertura política e ideológica. No entanto, o sucesso econômico deverá amortecer e suavizar as demandas nesse sentido, pelo menos por um bom tempo.

Os dois países, no decorrer deste século, deverão, cada vez mais, fortalecer seus elos de intercâmbio. A China já é hoje o principal parceiro comercial do Brasil e, sem parar, aumenta seus investimentos no Brasil. Dotada de grande apetite para prosseguir na sua marcha rumo ao desenvolvimento pleno, precisará importar sempre mais do Brasil, país rico em recursos naturais e dotado de estrutura agropecuária sólida e moderna. Do ponto de vista brasileiro, a relação com China servirá igualmente para alavancar seu progresso. Mas o país não deverá aceitar uma conexão do tipo “colonial”, sujeito à condição de mero exportador de matérias primas e alimentos e importador de bens manufaturados. Deverá aproveitar oportunidades para desenvolver seu próprio parque industrial em *joint ventures*; buscar investimentos na sua infraestrutura de transporte; firmar parcerias que permitam a transferência de tecnologias sensíveis; manter cooperação científica de ponta, notadamente no âmbito da quarta revolução industrial, futuro do século XXI.

Bons negócios sempre serão o que foram: uma via de mão dupla.

Nota. Este trabalho foi escrito em outubro de 2019. Os dados referentes ao desenvolvimento do Brasil, em 2019, foram estimativas no momento em que este trabalho foi finalizado. O país cresceu, em 2019, 1,1% em relação ao ano anterior.